



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

22 de Novembro de 2008 • Ano LXV • N.º 1688
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



Igreja una

ONTEM, Domingo, celebrámos a Festa Litúrgica da Basílica de S. João de Latrão. Uma festa que pela sua importância tomou o lugar da liturgia do XXXII Domingo do Tempo Comum. Como é evidente, não se trata de evocar uma realidade material; não estamos diante de uma apreciação museológica cultural ou histórica. Não nos faltariam padrões de comparação... se esse fosse o caso. Não é, pais, da arte nem da história o que esta Festa nos recorda, embora todos esses aspectos tenham o seu lugar próprio.

Ela evoca-nos um tema que é também uma realidade eclesial de extraordinária importância em todos os tempos da Igreja: a sua unidade, como Corpo de Cristo, edificação de Deus — na expressão lapidar de S. Paulo.

Não é irrelevante um tal tema no contexto cultural em que vivemos mergulhados, profundamente marcada pelo subjectivismo e pela individualismo em que a exaltação do «eu» se torna avassaladora e mórbida. Não é da matéria perecível que se trata mas da Comunhão íntima que é o mistério da própria Igreja à qual preside o Papa como Bispo de Roma. Por isso se diz desta Igreja que ela «é mãe e cabeça de todas as Igrejas».

Uma visão assim, leva-nos amar os artigos da fé que todos os domingos professamos na Eucaristia, de forma sempre renovada: «...creio na Igreja Una...». É um «olhar» purificado pela obediência e pela humildade; é um percurso gerador de intimidade orante que desabrocha no amor: «esta Igreja que eu amo... Ó ditosa Igreja minha Mãe!...».

Quantas consequências desastrosas não decorrem do afastamento desta visão na linha do respeito

e da perdão... desde o mais simples ao mais eminente fiell

Quanto esforço inútil em preservar a «nossa quinta» ou a «nossa vinha» se à porta e pelo caminho fara vão de mãos dadas avidez e a soberba ou protagonismo pessoal encapotado!

A desunião é caminho de morte e apressa o odor da decomposição! A história do mundo, dos homens e das instituições está cheia de exemplos eloquentes.

Uma celebração litúrgica destas não pode deixar de nos interpelar acerca da qualidade da nossa vida de relação uns com os outros, com Cristo, com a Sua Igreja. O «vede como eles se omam» é um desafio urgente; o único convincente perante a desagregação.

Padre João

MALANJE

Reflectindo

QUANDO for Natal estarei em Angola bebendo as belezas do planalto malanjino, nesta altura, todo verde! Um verde-mar que nos inebria.

Ansioso estou por ver o nosso presépio: Figuras de barro, seco ao sol e pintadas conforme; dispostas com graça no lugar próprio; camelo, cavaleiro, freio e estribos — numa só peça!; patos no lago, ovelhinhas pastando; e imitação perfeita duma lavra de mandioca a dizer que somos nós.

Como crianças conseguem pôr orgulho no Herodes, falsidade em Pilatos, dignidade em S. José e beleza em Nossa Senhora?

Vamos, venham ver o nosso presépio.

* * *

Nos muceques não haverá presépios... Se chover, ficarão lagoas onde as crianças brincarão com prazer e gritos de alegria. Léguas de luz...

Nos alvalades (bairros chiques) não faltarão — luzes, música e brinquedos caros nas árvores de natal...

Em todos os lugares e disfarçado em dezenas de trajes estará o álcool — rei com sua coroa de real majestade.

Ai!, este rei a comer valores e a destruir o bem! Quem tomará o seu trono?

Tem alicerces fundos... Só um poder mais profundo será capaz.

* * *

Natal é comunhão... Difícil ultrapassar barreiras pedregosas... Somente um grande amor! Único, dum Menino que se entregou nas palhas do berço e destas até à Cruz. Sim, Este amor pode passar a pó todas as barreiras; pode trazer-nos o perdão e a comunhão entre todos. Assim, será Natal.

O Natal que desejo para todos nós.

Padre Telmo

MOÇAMBIQUE

Manifestação de confiança

MAIS que todas as festas que possam alegrar e marcar os nossos Rapazes, com um sentido pré-definido de educação, como foi a Festa última de Pai Américo ou outra para que tenham motivação, como a dos cinquenta anos de Padre da Rua, ou ainda a despedida daqueles que aqui vêm dar a sua melhor ajuda, mesmo que de curta duração, as alegrias maiores que se vivem em Casa, são as saídas para o emprego.

A Família que somos gravou no espírito daqueles que nem de sangue conheceram alguém, o equilíbrio e responsabilidade indispensáveis, ao deixarem o aconchego da Casa. A única que conheceram, onde cresceram e se prepararam para vida que agora vão enfrentar sozinhos. É sem dúvida um salto, não no escuro, mas na aventura da vida que cada vez é mais indefinida na hora que vivemos. Hora alta de

manifestar serenamente a confiança neles depositada, por quem os convidou e marcar pelo exemplo do comportamento na prestação de serviço, uma referência para os que ficam em Casa, com os olhos postos neles.

Ao longo dos anos e conforme vão acabando seus cursos, não tem havido dificuldades na colocação. Alguns, no entanto, queixam-se de salários baixos, que não garantem um aluguer de casa ou barraco no fundo do quintal, mais o transporte, muito menos o equilibrar a realidade e o sonho de constituir família. Um me dizia hoje, que por duas vezes já teve de mudar de casa e de cada uma se foi o salário do mês. Outro que os patrões (a empresa é das maiores na área de construção) não dão classificação pelo trabalho e anti-

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

IDOSOS — Regressámos, há dias, com as Vicentinas, a casa duma família que foi acompanhada, em tempos, pela nossa Conferência. Nessa altura, os problemas eram causados por filhos com uma adolescência e um início da vida adulta marcados pela toxicod dependência e outros desencaminhamentos. Ajudamos até à recuperação do problema da droga e até ao encontro de uma actividade profissional que os tornasse autónomos. Os filhos lá foram casando, partindo uns para a periferia do Porto e outros para a periferia de Lisboa. Chegada a idade para isso, o pai reformou-se de uma vida onde exerceu, com brio profissional, a actividade de encadernador de luxo, num estabelecimento do Porto. Dizia-nos a mulher, olhando para o marido, nesta última vez em que os vimos: «Custa-me tanto olhar para ele agora. Puxou muito pela cabeça durante toda a vida e agora está assim. Sabia a História de Portugal toda, de uma ponta à outra, só de encadernar livros de história».

O nosso regresso a esta família foi causado principalmente pela situação actual dos pais, mas infelizmente os problemas com alguns filhos não desapareceram. Primeiro, veio-nos a notícia de um que andava para os lados de Lisboa, mas que voltou à terra, com uma saúde frágil e com uma mulher sem cabeça de jeito para orientar a vida doméstica. Por isso, depois do casal ter gasto o que tinha recebido duma herança do pai da mulher, as dívidas foram-se acumulando na padaria, na mercearia, no talho e noutros sítios do género, atingindo umas boas centenas de euros. Lá fomos ajudando a pagar o que era mais urgente, procurando sempre fazer a pedagogia necessária e possível nestas situações.

A seguir fomos a casa dos pais onde as coisas também não vão nada bem. O filho que tinha passado pela toxicod dependência voltou a casa dos pais divorciado, com uma doença incurável e incapaz para o trabalho. O pai sofre de perturbações neurológicas que, infelizmente, ocorrem na altura da vida em que ele agora se encontra. A mãe sofre de anemia crónica que a obriga a passar com frequência pelo hospital para transfusões de sangue. Na altura em que a visitamos estava deitada, depois de ter regressado duma dessas idas ao hospital. Além disso, foi-lhe diagnosticado um tumor que inspira preocupações. Nesta situação, nenhum dos três está em condições de poder cuidar dos outros dois. As filhas não moram perto, mas ainda é quem vai valendo ao casal, visitando os pais ao fim de semana e revezando-se na lavagem da roupa. Os dinheiros não são muitos e as condições de habitação são muito pobres, mas não são estes os problemas principais. Para quem nunca viveu com muito, a reforma do marido, mais o complemento que a esposa recebe para cuidar dele, lá vão dando para as necessidades do dia a dia. Sendo preciso mais alguma coisa, a Conferência acode.

O problema principal é como aliviar a mulher da carga psicológica muito pesada que é ter um marido com as perturbações neurológicas que o dela tem, sem força física e mental para aguentar tal encargo. Já estiveram os dois alguns meses nas casas das três filhas que moram nos arredores do Porto, mas foi difícil segurar o senhor por lá, mesmo circulando da casa de uma filha para outra. Já se tentou a ida do casal para um centro de dia aqui nas redondezas, mas também não deu certo. Por isso, ali estão agora os dois, de novo, em casa, ainda por cima com o tal filho que lhes voltou a cair nos braços minado pela doença.

Há um sentimento de impotência quando nos defrontamos com casos destes que, infelizmente, são muito frequentes por esse país fora. Para já não nos ocorreu mais nada que pudessemos fazer a não ser ir passando com regularidade por esta casa. Pelo menos, a esposa que está lúcida e, mesmo o marido que ainda não perdeu a lucidez de todo, saberão que há alguém por perto que se interessa por eles. Desta maneira, também veremos se há alguma necessidade material a que possamos acudir. Entretanto, pode ser que Deus nos faça descortinar mais alguma ajuda que esteja ao nosso alcance.

Juntamos para a próxima crónica a prestação de contas dos vossos donativos que aqui agradecemos, em nome dos Pobres.

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.*

Américo Mendes

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

Natal africano

Logo que nasceu
Jesus acampou
E à luz das estrelas
Uma voz suou
Uaaaa, uaaaa...

Maria Senhora
Logo O embalou
E à luz das estrelas
Uma voz suou
Uaaaa, uaaaa...

Autor desconhecido

Não há pinheiros nem há neve... Nada daquilo que se diz... Mas é Natal!...

O ar é abafado! A chuva banha a terra morna! Há plantas de uma flora mais estranha, aves de fauna tropical.

Nem luz, nem cores, nem recordações! Somente o riso das crianças que em todo o universo é sempre idêntico.

Não há pastores com ovelhas, nada do que é vulgar!...

As orações, porém, são antigas... E na escuridão é Noite de Natal.



Os Rapazes de Paço de Sousa, em pleno Gerês, em contacto directo com os cavalos semi-selvagens, em Lamas de Moura, aquando do jogo com o Melgacense

As populações mais pobres não vivem em casas adequadas! Moram em cubatas sem chaminé, dificultando a entrada do pai natal com os brinquedos!... Restam a fuba e um pouco de peixe seco para uma boa consoada! As crianças saboreiam a refeição como se fosse um banquete... chupam os dedos, sorrindo como todas as crianças do mundo rico.

Carrinhos de lata, fabricados e inventados pelos próprios, são os brinquedos e as prendas que o pai natal lhes deixou... as cubatas não têm lareira?!... As Casas do Gaiato de Malanje, Benguela e Moçambique têm «borralho» e chaminé!... O Menino Jesus e o pai natal conseguem entrar com a prenda natalícia da sua educação e bem-estar.

Todas as crianças precisam de ter um Natal!... Nasceu o Menino!...

Manuel Fernandes

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Se a semana passada o jogo foi impróprio para os menos pacientes, esta, eu diria mesmo, impróprio para cardíacos! Parece que cada jogo é uma final!

Desta vez, recebemos a equipa da Casa do Benfica de Lousada. Não correm muito, já que a maior parte dos seus atletas, jogara em clubes federados. Sabem muito bem colocar a bola onde querem e ocupar os respectivos espaços, para poderem pôr a cabeça do adversário, toda baralhada. «A quem sabe, nunca esquece» — diz o ditado!

Assim aconteceu. Começámos por fazer 1-0, por intermédio de Agostinho. Eles, «velhas raposas»,

fizeram o 1-1. Os nossos Rapazes não gostaram do que viram, e, Ilídio o «pequeno gigante», que mais uma vez acabou o jogo completamente exausto, fez o 2-1. De grande penalidade, a Casa do Benfica, restabeleceu a igualdade.

Houve «sermão» no balneário... Na segunda metade do jogo, depois de toda a equipa ter feito das tripas coração, eis que surge o prémio, na sequência de uma insistência do «Bonga» que ele próprio se encarregou de fazer o precioso 3-2. Resultado final.

Erickson, que entrou a 15 minutos do fim, teve nos pés o 4-2. A sorte não quis nada com ele.

Para terminar, quero aqui deixar os meus parabéns a todos que, dentro das quatro linhas, tudo fizeram para que a vitória fosse uma realidade. No entanto, esta é dedicada ao 12.º jogador, Rapazes que não jogam, mas que formam uma «claque» do melhor que há, ordeira e incansável do primeiro ao último minuto. Depois de «Bonga» ter feito o terceiro golo, todos eles saltaram de alegria, junto da linha lateral, para festejar a vitória.

Conclusão: mais um dia de festa que o futebol proporcionou cá em Casa.

Todos os fins-de-semana há festa! Os nossos Rapazes não fazem as coisas por menos!

Estou quase como aquele professor, que, há já alguns anos, quando visitou a nossa Casa, disse: «Que seria da Casa do Gaiato sem futebol?!»

E é verdade! Não há escolha... que substitua a preferência dos Rapazes pelo futebol. Claro!, sempre dentro dos nossos princípios: jogar futebol com Rapazes da Casa, cá em Casa e fora de Casa, mas sempre integrados na equipa da Casa e com a camisola do Gaiato, enquanto membros desta família.

Alberto («Resende»)

SETÚBAL

RAPAZ NOVO — Veio cá para Casa há pouco tempo um rapaz que se chama Assana. Ele não sabia bem como era a nossa vida, mas com o tempo foi-se acostumando. Ele é um rapaz muito divertido e simpático. Ele gosta muito de jogar à bola com os miúdos da nossa escola. Também é um rapaz muito esperto e espero que ele se agarre muito aos estudos para que seja alguém na vida.

ESCOLA — Temos um rapaz cá em Casa que está a começar um Curso de engenharia mecânica, e que está cá há sete anos. Ele é de Moçambique e chama-se Júlio. Esperamos que ele seja alguém na vida como alguns gaiatos que já se foram embora desta Casa.

FUTEBOL — Os rapazes desta Casa estão todos os Sábados e Domingos a treinar para se prepararem para jogar com outras equipas de fora. Temos um rapaz que se chama Hildeberto, mais conhecido por «Geovani», é o mais novo da equipa, e já joga como se fosse um dos mais velhos. Vê-se de dia para dia a evoluir cada vez mais. Também os rapazes que estão na primária fazem jogos entre eles. Fazem torneios como se fossem a equipa da Casa, mas em futsal. Quem organiza os torneios é o Amarante.

FESTA DE NATAL — Os rapazes já estão a preparar a Festa de Natal que faremos no nosso Salão para os Amigos desta Casa. Estamos a preparar danças, músicas, e peças de teatro. O Natal é um tempo de felicidade em que partilhamos as coisas. Por isso fazemos a Festa com os nossos Amigos.

Assan

O Livro dos Macabeus

DÁ-NOS a ler a Liturgia das Horas, neste aproximar do fim do Ano Litúrgico, páginas históricas do Antigo Testamento, não já muito longínquas do Novo de tal maneira que as complementa com outras bem recentes do Concílio Vaticano II cujo tema é «a promoção da Paz, a renovação dos sentimentos de Paz, a missão dos cristãos na edificação da Paz» e, ainda, outras recolhidas da Patorística do século IV da nossa Era que nos chamam a atenção para quanto «o poder da Fé está acima das forças humanas».

No mundo a vida é militância. E a instauração do Reino de Deus na cidade dos homens — Reino de Verdade, de Justiça, de Amor e de Paz — não é fruto espontâneo de um pacifismo fácil, de *paz podre*, antes de uma luta que tem de se travar em cada homem para que a dedicação à Verdade e à Justiça seja a têmpera da sua opção fundamental e o constitua, para além de si, um obreiro daquela instauração. Firme neste objectivo, com quanta perseverança terá de empenhar-se para conquistar outros a semelhante opção e derrubar acções que se lhe oponham!

Nos Macabeus o que impressiona é a coragem nascida desta paixão, a Fé no seu Deus que a fundamenta e os torna frontais na recusa de obediência aos poderes do mundo com que são afrontados. Esta recusa obriga-os à guerra sem serem belicistas. É sempre em busca do respeito mútuo que a Justiça postula, que aceitam os combates militares; e todas as ocasiões de paz são abraçadas.

Em todos os tempos, também nos nossos, há míngua do carácter que deu ânimo e eficácia aos Macabeus. Por isso, a Constituição *Gaudium et spes* do Vaticano II insiste: «A Igreja deve estar sempre presente na comunidade das nações para favorecer e estimular a cooperação entre os homens, tanto por meio das suas instituições públicas como pela sincera colaboração de todos os cristãos. (...) A este propósito, tanto na educação religiosa como na educação cívica, dedique-se particular atenção à formação dos jovens».

Como que a sublinhar e concluir a reflexão que a postura dos Macabeus sugere, o Evangelho deste Domingo apresenta-nos Jesus numa acção de aspecto violento, singular no decurso do Seu Ministério: a expulsão dos vendilhões do Templo. «Devorado pelo zelo pela Casa de Seu Pai», Jesus não hesita na provocação a interesses, estabelecidos, sabendo bem quanto este acto iria acrescentar motivos para a Sua morte, premissa da conclusão do «sinal» que lhe foi pedido e Ele deu.

Sagrada a Terra porque Ele a pisou, Casa da Humanidade a quem oferece a Redenção — felizes os que se assumem Seus discípulos na libertação d'Ela de tantos vendilhões que A povoam.

Padre Carlos

PÃO DE VIDA

Comida é bom

A miséria infanto-juvenil é um drama social que envergonha, nos países pobres e, até, nos países ditos desenvolvidos. Na Europa, estimam-se em cerca de 200 mil as crianças sem tecto, em risco.

Vão-se esbatendo as famílias alargadas e crescem as relações fracassadas, e questões dolorosas, como os divorciados, os recasados e as pessoas sós. A solidão é uma pandemia, no nosso tempo.

A desvalorização da coesão familiar, a mobilidade social e a recessão económica relegam para situações difíceis os membros mais débeis e vulneráveis, no contexto social.

Na reconstrução equilibrada do tecido social, há algumas linhas fundamentais que urgem ser desenvolvidas, sob pena de não ser invertida a tendência para a diminuição da população mais

jovem e activa. Para apoiar os núcleos familiares, que enfermam de fragilidades, algumas prioridades são: a promoção da natalidade, bem como o apoio crescente à maternidade e paternidade, e os incentivos à habitação, aos casais jovens, para organizarem lares estáveis. Lamenta-se que *uniões* e dissensões uma mentalidade, necrótica, quer imitar e impor, em vez do reforço da família.

Diante de esfrangalhamentos das células base da sociedade, são sinais evangélicos acompanhar as famílias em dificuldades e o cuidado pela sorte dos filhos.

O Outono dava sinais, quando, do sul, vieram à procura de acolhimento para um Rapaz, de 9 anos, porque os seus progenitores, africanos, não vivem juntos e estão muito distantes. Provém da Guiné-Bissau, o terceiro país mais pobre do mundo, em que a

Continuação da página 1

guidade. Um colega ganha mais de metade do salário dele, estando há quinze anos no mesmo lugar. Tendo ele melhor classificação técnica tem de continuar os estudos para obter, daqui a uns anos, o nível universitário. Tudo dificuldades inerentes a todo o jovem que passa dos estudos para um lugar de trabalho.

Muito mais aqui, é que os grandes projectos, pelas regalias e isenções fiscais, atingem o topo de recuperação do capital investido por via de salários mínimos que pagam a grande maioria da força laboral. Atrevo-me a dizer que tudo isso é aproveitamento ganancioso da desastrosa queda em plano inclinado, onde desliza a maior parte da população. Para

escalada dos preços dos bens alimentares e o desemprego conduzem à emigração para a Europa.

Como é evidente, foi preciso ir ver, *in loco*, a sua situação; à qual fomos sensíveis, pela necessidade com que nos deparámos. A criança estava pronta a rolar para a longa viagem, quando chegámos. Entretanto, indagámos: «*Queres vir para a nossa Casa?*»; ao que, logo, respondeu: «*Sim, quero!*»

O garoto tem-se adaptado bem, na nossa vida familiar e escolar. Duas vertentes têm-no cativado: a alimentação e o desporto. Comida, a horas, e convívio, saudável, são algumas das bases seguras para começar a educar, com profundidade. Incutindo regras e revelando afecto, os seus efeitos na personalidade são duradouros.

Com cinco refeições, por dia, numa delas, por três vezes, disse: «*Quero mais comida!*...». Sabe comer e o prato fica limpo.

Por outro lado, há um objecto que é reclamado, frequentemente, sem margem para dúvidas: a bola. Esta criança, como outras e em muitas ocasiões, veio ao nosso encontro: «*Querida uma bola para jogar, no intervalo da Escola*»; que frequenta na nossa Casa. A seguir a uma Eucaristia dominical, desafiou a intempérie e foi, equipado, com os companheiros, para o nosso recinto de jogos.

Entre outras, estas técnicas são simples e dão resultados: um lugar à mesa e uma bola, nos pés, na sua própria Casa, como divertimento. A propósito, as verbas envolvidas, com profissionais, no comércio dos futebolis, são ofensas aos Pobres, que não têm com que viver. As pessoas têm rosto e dignidade humana; as coisas é que têm preço.

A nossa Família vai-se alargando, pelo que se activaram mais leitões, com lençóis lavados e manta farta, que o frio aperta por estas serranias. O Luís lançou-nos um repto, superior ao ritmo biológico de partos: «*Receba mais meninos, que a gente aqui não passamos fome*».

A fome é uma calamidade mundial que afecta, diariamente, 923 milhões de pessoas. Impõe

Moçambique

a mentalidade dominante será impossível encaixar a frase do Pai Américo: «reconhecer direitos às classes humildes e laborais é colocar as coisas no seu lugar». O contrário é eminentemente perigoso, como já foi demonstrado.

Ora desta vez foram cinco para a Cimpor. Aconteceu num Domingo. Veio à nossa celebração um casal da Administração. No fim, em conversa, falaram da possibilidade de dar lugar a Rapazes que julgássemos idóneos, com capacidade de chefia. Tínhamos o António na Universidade e o João Paulo no secundário de construção civil, o Manuelito,

prestes a entrar num curso Superior de Ciências de Saúde, o José que ficou com alcunha de mestre, com a décima segunda à espreita de singrar e o Julião a trabalhar na Comunidade de Mahanhane. Já tinham sido chefes em Casa. Apresentaram o seu currículo escolar, foram entrevistados, fizeram uma semana de aprendizado e três são encarregados de turno de trabalho, um conferente e o outro, operador de máquinas. O Manuelito de tão contente, já veio oferecer o seu primeiro salário, para aqui óptimo, embora não passe os duzentos e oitenta euros. Foi o completar da sua festa.

Padre José Maria

um investimento na produção de bens alimentares e a sua justa distribuição. O Apóstolo André deu a conhecer, a Jesus, um rapazito com cinco pães de cevada, para a multiplicação dos pães. S. João Crisóstomo é claro, numa exortação: «*Aquele que disse — Isto é o meu Corpo, também disse — aquilo que recusaste fazer ao mais pequeno foi a Mim que o recusaste*».

No Cristianismo, pleno, as mesas da Eucaristia e da Palavra são inseparáveis das mesas das famílias e dos famintos. Vamos dar-lhes de comer. São eles que

põem as tigelas e os pratos, nas mesas. Amanhã, será tarde.

Enquanto saboreava o conduto, num jantar de Comunidade, o pequeno Fábio cantarolava, em voz baixa: «*Comida é bom!*...».

O acolhimento que manifestarmos, é fiel ao mandato, sublinhado no Defensor dos últimos: «*Quem receber um destes meninos, em meu nome, é a Mim que recebe*» (Mc 9,37).

A Igreja sempre foi mãe das crianças e das que se perdem na rua. *Elas são tuas, Senhor, salva-as!*

Padre Manuel Mendes

CORRESPONDÊNCIA DE FAMÍLIA

NOTÍCIAS DO BRASIL — Só agora reparei que O GAIATO tem um e-mail e achei mais prático e funcional para mandar notícias minhas e da família. Por aqui tudo bem, continuo no mesmo endereço e a Manuela, filha mais nova, morando comigo; e a mais velha, a Astrid, continua morando na Noruega, agora com mais uma menina de nome Camilla.

Embora longe do seu lar, ela está muito feliz, principalmente por ter encontrado, da parte do marido, uma família muito legal e bem estruturada.

Gostei de ler n' O GAIATO a bonita festa que foi realizada no Coliseu e vi também na RTP1 um livro que vai ser lançado sobre Pai Américo.

A Mariana também continua bem e vamos levando a vida, curtindo as netas, infelizmente à distância, mas as coisas são assim mesmo. Junto anexo uma foto das meninas, Cecília e Camilla.

Uma grande saudação para todos os gaiatos e sua bênção para a nossa Família.

Manuel Lopes e Família



Dois bisnetas norueguesas

BENGUELA

Dinâmica participativa

COMEÇO esta Nota com a notícia alegre do encerramento do 8.º Curso de Informática frequentado por um grupo dos nossos Rapazes. É, sem dúvida, um valor que enriquece as suas vidas, no presente e no futuro. O Centro de Informática, em boa hora oferecido e criado em nossa Casa, deu vida a este curso, graças à colaboração de três monitores, membros desta nossa Família, com o apoio admirável do José Luís. Deste modo, são os próprios Rapazes a ajudar os seus irmãos a preparar-se para a vida. Esta dinâmica participativa foi sempre um factor muito importante no projecto educativo de Pai Américo.

Estou a escrever-vos, também, na véspera da Festa da Independência de Angola. Vivemos os momentos muito grandes e sofridos, de há 33 anos. A esperança

enche o nosso coração, nesta hora. Com a paz tudo é possível. É o maior bem que uma nação pode gozar. É a porta aberta para a entrada da felicidade na vida do Povo angolano. Quem nos dera ver o crescimento humano dos filhos de Angola, como uma verdadeira família. A mesa é grande. Que o pão chegue para todos. Há-de acontecer este grande bem, quando os mais fortes derem as mãos aos mais fracos. Por outras palavras, é urgente que a Justiça Social seja a motivação animadora de todo o trabalho. Estamos, pois, a viver esta hora com muita esperança, à mistura com a dor da maioria dos filhos de Angola que ainda não têm o lugar digno à mesa que a Mãe-Terra tem preparada para eles. Queremos ajudá-los, como estivemos a fazer, ao longo dos anos passados.

Chegámos há 45 anos a Angola!

Foi em 16 de Novembro de 1963. Dormimos, a primeira noite, no meio de 42 Rapazes que foram a prenda de mais valor que recebemos. Ao calor próprio do clima tropical, em que se situa a cidade de Benguela, juntou-se o calor humano do Povo que nos acompanhou sempre. Recordamos, hoje, esta data como uma fonte de inspiração para continuarmos a servir, até ao fim da nossa vida, estes filhos e este Povo que necessitam de ajuda.

É hora de agradecer, também, a todos os Leitores que têm acompanhado a vida da nossa Casa do Gaiato com o coração poisado nas suas mãos estendidas. É verdade que não poderíamos caminhar sem a vossa ajuda. Por isso, de mãos dadas, vamos levar para a frente a nossa missão partilhada. Continuamos a depender de vós, como as crianças, quando andam, necessitam dos braços das mães e dos pais. É uma imagem que traduz com realismo a nossa situação. Deste modo, levaremos com muita confiança a carga, pesada, que queremos abraçar com muito amor, também.

Padre Manuel António

SETÚBAL

Emissários da verdade

RECENTEMENTE veio um pai aflito pedir para acolhermos um seu filho. Viera este de África há muito pouco tempo. A mãe e alguns irmãos ficaram na terra de origem. O pai, há alguns anos em Portugal, tinha de trabalhar, e quem cuidaria do pequeno?

São muitos os casos semelhantes a este. A alguns temos acedido, especialmente quando a criança em questão veio para Portugal fazer algum tratamento médico, mostrando-nos a realidade como lhes é difícil cumprir as indicações dadas pelos médicos — acabam por não o conseguirem.

Dizem-nos que antes de se fazer

alguma coisa pelos que nos procuram, é necessário legalizar a situação de acolhimento. Se assim fizessemos, ficaria a criança sem ninguém para a acolher, com a consequente falta dos cuidados que a sua situação exige. É que mais ninguém lhes dá a mão!

Pai Américo já dizia «que se a autoridade não está com a verdade e a justiça, não tem autoridade!» Que importa impor a autoridade se não se faz justiça na aplicação da lei às situações?

Nós não somos de aplicar receitas. Somos de aplicar a cura. O que nos move é curar. Por isso não ficamos à espera que chegue a receita porque o nosso tratamento

é um só: amar. Ainda que nos dessem outra receita fariamos sempre esse mesmo tratamento.

Não é de contar a ninguém quanto custa este tratamento. Aquele que no-lo deixou, pagou-o bem caro. Por aqui se pode calcular o seu preço. Não nos peçam para fazermos outras contas. Essas não são as do nosso rosário.

A letra mata mas o espírito dá vida. Nada como escrever a vida com uma caligrafia carregada dos tons do sangue que se transmite em todos os gestos de amor pelo próximo. Desinteressadamente.

Os nossos olhos têm visto coisas maravilhosas nesta reciprocidade do amor. Que carga de dignidade e de respeito trazem estes pequenos para o nosso meio descaracterizado por uma decadência que se vem acentuando de há alguns anos para cá?

Eles são emissários da verdade! Haja justiça.

Padre Júlio

CALVÁRIO



Margarida

HÁ quarenta e sete anos, dei à estampa n'O GAIATO este pequeno anúncio: «Oferece-se oportunidade de alguém perder a vida ao serviço dos doentes no Calvário».

A Margarida apareceu logo, disposta a perder a vida junto dos doentes e dos rapazes com dificuldades intelectuais que aqui temos.

Perguntava, então, se a aceitávamos. Parecia julgar-se indigna deste serviço.

Todos os que a conheceram, dão testemunho da sua longa e total entrega a esta causa. Ela tinha todos os predicados das santas mulheres da Escritura. Era pobre, humilde, generosa e atenta. Soube viver estes anos todos com a alegria da primeira hora. Quando alguém era traquina ou indisciplinado, respondia com um sorriso: — Então, estes são os filhos que Deus nos mandou.

O Senhor chamou-a. Junto do Pai Celeste vela, agora, por nós. O seu lugar está vazio. E pergunto: — O anúncio daquele tempo encontrará, ainda, uma resposta?

Andam todos a ver se ganham a vida. Perdê-la é para os fortes.

Padre Baptista

não podia sair, por mais idónea que fosse a companhia. *Dura lex, sed lex.*

A contínua da escola revelou-me o *mistério(?)*, atirando-me para um mar de amarga impotência, onde continuo afogado.

Se ali houvesse, meia dúzia de cristãos, para nos apoiarmos, outra esperança sorriria. Assim... não sei. Tentarei mais tarde.

Na escola disseram-me que aguardavam um orçamento dos óculos que a Segurança Social pagaria.

Ignoro o fundamento desta afirmação. Sei que a criança, está sem eles, há mais de dois anos e... ninguém mostrou afligir-se.

Outro exemplo é o que se passou com a construção da casa de banho daquela família, das faldas do Caramulo.

Sem pessoas da Igreja, a quem me apoiar, comprei materiais e entreguei a construção aos beneficiários.

O canalizador facturou cem euros por cada oito horas e o ladrilhador sessenta.

Estive para não pagar. Achei um roubo. O pobre homem também. Ali a morarem tão perto... a verem a infelicidade e a penúria... e tão desumanos!...

Ainda deixei recado à esposa de um deles:

— Deus há-de pedir-lhes contas!...

Como os dinheiros renderiam mais, a acção apostólica se alargaria, o meu trabalho menos dispendioso e mais facilitado, se um grupo da Igreja estivesse presente.

Também aquele caso de aparente extrema pobreza, do Interior Ribatejano falado por mim, no último Património.

Afinal, aquele casebre que tanto me doeu, era alugado. As pessoas vivem pobremente, mas numa casa boa. Na casa velha, recebem apenas o correio e pagam renda ao senhorio, à espera de uma indemnização.

Aquele santo sacerdote estava a ser vigarizado. Mais nada.

Tudo isto se evitaria, se, naquela terra, houvesse um grupo da Igreja, encarregado dos Pobres, capaz de dar informações.

A direcção postal do Património dos Pobres:

Lar do Gaiato
Trv.º Padre Américo
3000-313 Coimbra.

Padre Acílio

Património dos Pobres

É o contacto com os Pobres que confirma a necessidade instantânea de haver em cada grupo eucarístico, ao menos, um pequenino corpo que se ocupe dos mais desprotegidos. Por mais evoluída que seja a povoação ou a freguesia, há sempre gente a precisar daquele amparo que a organização oficial não dá, por variadíssimas razões.

Eis alguns casos actuais exemplares:

Marquei nova consulta oftalmológica para o filho mais velho da Ana, como havia referido, após ter pedido desculpa e compreensão ao médico especialista, pela falta, em Julho.

Na véspera, fui a casa dela, lem-

brar e pedir-lhe, que no dia seguinte, tivesse o menino lavado e pronto, entre as 14h30 e as 14h45, que eu iria lá buscá-lo para a consulta e a levaria também, se ela quisesse, e até lhe pagaria um avio no hipermercado, após a compra dos óculos.

Esperançado, estive à hora marcada e bati à porta da precária casinha várias vezes, sem querer acreditar no que verificava: — A Ana não estava.

Uma gigantesca onda de tristeza me alagou a alma e interrogações grotescas e sujas me começaram, inadvertidamente a perturbar o coração.

Como é funda a miséria!... Como esta jovem mãe precisa de

amparo!... Como me dói esta filha e estes netos!... Que situação meu Deus!

Perguntei a vizinhas e conhecidas... percorri os dois cafés da aldeia. Ninguém a tinha visto... fui à escola aferir se o menino lá estava e encontrei-o numa sala sozinho, com uma professora por sua conta, e revelei espontaneamente à senhora, a minha diligência e aflicção. *E ele precisa tanto!* Respondeu, instintivamente, a educadora.

Foi logo falar à directora e telefonar à mãe, pelo telemóvel, solicitando autorização para o filho se ausentar da aula e me acompanhar ao médico.

Nada. O telefone estava desligado. Sem ordem da mãe, o menino